

Viajantes da Câmera

A IMAGEM REVISTA

Edição 9 | Ano 3 | Julho de 2014

Marian Starosta

Foto autoral

**Composição
fotográfica**

**Os Viajantes da Câmera
no Festival de Balonismo**

Protestos
**Relatos de fotógrafos
em manifestações**



O PRAZER EM FOTOGRAFAR...



Foto de Marcelo Martins

Autoretrato



Fotógrafo e professor de fotografia na escola Câmera Viajante, Marcelo Martins tem formação em Engenharia Agrônômica, área em que atuou até 2011, quando foi “rapado” e “salvo” pela fotografia.

Cativado pela escola Câmera Viajante, iniciou seu primeiro curso de fotografia básica com a professora Vera Carlotto, a qual um dia falou em sala de aula: “Marcelo, tu vais seguir no profissional”. Foi a motivação para ingressar no curso profissionalizante da escola. Desde 2012, colabora como professor principalmente no curso de Fotografia Digital 2.

Tem na sua principal atividade fotográfica a realização de portfólio para atletas e empresas ligadas ao mercado fitness. Ainda mantém ligação com o mercado do Agronegócio, com a fotografia de cavalos.



A Viajantes da Câmera além da trazer informações sobre a fotografia e suas técnicas, tem também a finalidade de promover a interlocução desta arte com todas as outras. Entende-se que a arte tem como funções possibilitar os processos de percepção, cognição e de desenvolver a sensibilidade, a expressão e a criação permitindo assim que o homem se desenvolva em todos os aspectos. Desta condição surgem influências nas áreas sociais e culturais e assim está estabelecida a dialética entre arte e sociedade.

Nesta edição apresentamos o trabalho da artista visual Marian Starosta que em tempos de conflitos como os que acontecem na Faixa de Gaza, nos apresenta projetos que tocam no mais profundo do ser, suas crenças, seus valores, sua cultura. Mergulha na arte e na cultura judaica, assim como realça os fotógrafos brasileiros entre os quais o diretor e professor da Câmera Viajante, Rogério do Amaral Ribeiro, os gaúchos Adriana Franciosi e Kadão. Essa reportagem é acompanhada de um vídeo para que você possa estar mais próximo desta artista completa.

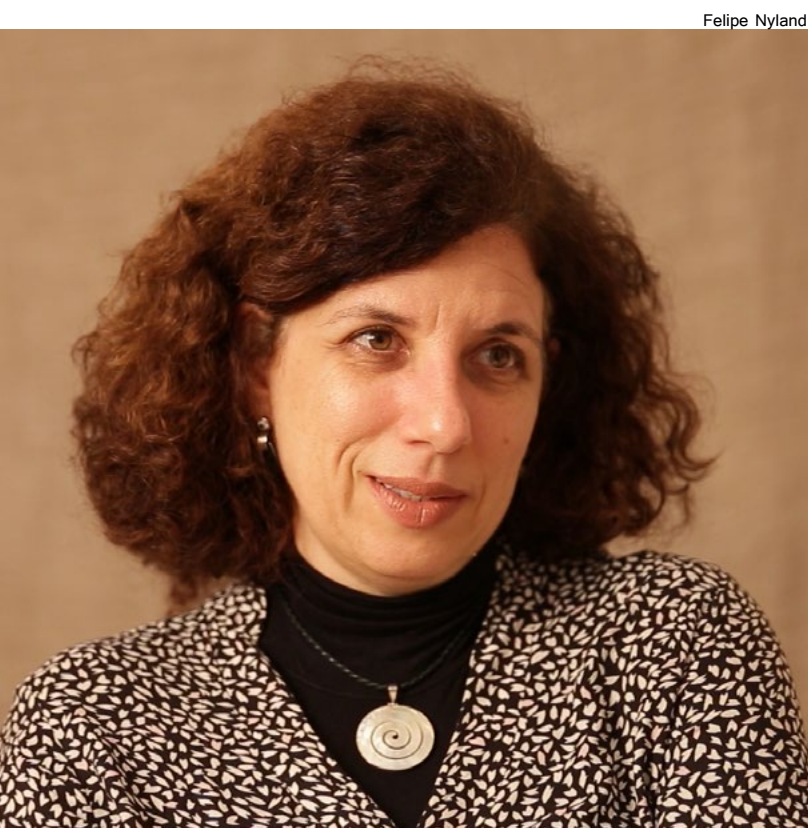
Na mesma linha, seguem os trabalhos dos fotógrafos Ramiro Furquim e Jonatham Heckler que acompanharam as manifestações no Sul do Brasil e que compartilham conosco sua vivência e opiniões diante de conflitos tão próximos de todos os brasileiros.

Para que possam voar com mais mais leveza, completamos esta edição com as imagens coloridas captadas pelos Viajantes da Câmera no Festival de Balonismo.

Desejamos a todos ótima leitura, prazer em apreciar as belas imagens e reflexão sobre o mundo que vivemos e que esta edição possa lhe auxiliar a se expressar cada vez melhor.

Viva a arte nossa de cada dia!

Karla Nyland
Editora



Felipe Nyland

9 - PERFIL
Marian Starosta



Carla Zanatta

23 - VIAJANTES
Balonismo em Torres



Ramiro Furquim

14 - REPORTAGEM ESPECIAL
Fotografia em protestos

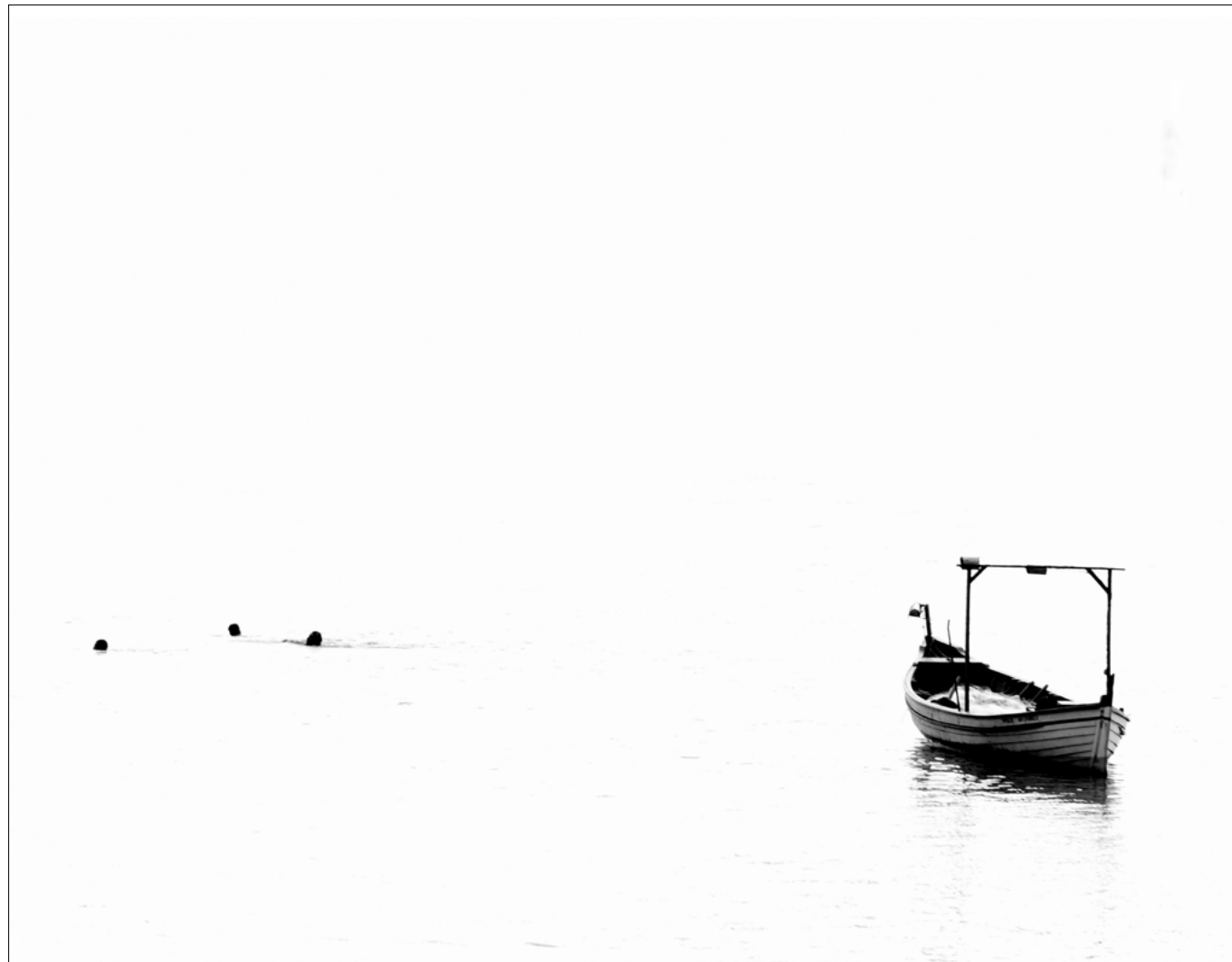
- 06** - Dica do Professor - A composição fotográfica
- 20** - Clic Legal - PL do fotógrafo
- 32** - Análise do Professor
- 36** - Arte e Foto - Exposição de Fernanda Chemale
- 38** - GoPro e imagem revisitada

Expediente

Publicação Câmera Viajante - Escola de Fotografia e Cinema
Diretores Gerson Turelly e Rogério do Amaral Ribeiro
Editora Karla Nyland
Redação, diagramação e editoração Fernanda Nascimento - MTB 16317
Revisão Clareana Kunzler Ferreira - MTB 15917
Arte Tiemy Saito
Capa Marian Starosta
Periodicidade Trimestral
Edição 09 / Julho de 2014
Endereço Pinheiro Machado, 259 - Independência - Porto Alegre
Telefone (51) 30120421
Site www.cameraviajante.com.br

A arte de simplificar

Fotos Vera Carlotto



Fotógrafo deve ter técnica e criatividade para alabarar uma imagem com boa qualidade estética e de fácil compreensão pelo observador

Por Vera Carlotto*

A fotografia é uma linguagem visual, com aspectos culturais e visão de mundo através do olhar do sujeito em sua época. É preciso ter técnica e criatividade para elaborar uma imagem de boa qualidade estética e de fácil compreensão aos olhos do observador.

A composição fotográfica é parte fundamental deste processo. Para tanto, é importante saber identificar,

selecionar e organizar os elementos visuais de forma coerente para produzir uma imagem agradável de ver.

Tudo que está numa imagem forma a sua composição. A sua aplicação, no entanto, se torna fluida com conhecimento, disciplina e à medida que se ganha experiência.

A composição é um processo estruturado. É preciso compreender os seus princípios e as partes constituintes de uma imagem, como: ponto, linha, formato, tom, for-



É preciso contemplar e pensar no que deve ser deixado fora para que a foto se torne intensa

ma, textura, padrão, cor e organização do espaço.

Na era da fotografia digital, perdeu-se muito o poder da contemplação. O dedo no obturador fica nervoso ao se deparar com uma imagem "bela" e a tentação é de preencher o quadro com a maior quantidade possível de detalhes. O resultado, muitas

vezes, é uma imagem poluída e confusa. É preciso respirar, contemplar e pensar no que deve ser deixado de fora para que ela se torne intensa, forte. Ou seja, saber selecionar os elementos da cena, deixar de tirar foto e passar a fazer uma foto!

Um dos fundamentos da composição fotográfica que ajuda muito

neste momento é a simplificação.

Uma das formas de simplificar é utilizar o corte da imagem com a própria câmera. Uma lente zoom pode fazer o corte da imagem sem modificar a perspectiva, contanto que o fotógrafo e o assunto permaneçam imóveis. A aproximação preenche o enquadramento, enfatiza o assunto e corta o fundo.

Às vezes, não é possível simplificar com o ponto de visão ou com a recomposição da imagem no quadro; surge aí a oportunidade de utilizar técnicas fotográficas como o foco seletivo ou o uso de uma profundidade de campo menor (com maior abertura do diafragma). Existem várias técnicas para simplificar imagens. As imagens podem ser simplificadas totalmente por redução ou remoção total da cor, tornando-se monocromático (preto e branco). Pode ser também eficiente utilizar uma abordagem de high-key ou low-key, em que o assunto é colocado ou está em ambiente com predominância de tons claros ou escuros. A redução da cor em uma imagem também é possível quando a fotografia é tirada durante determinadas condições climáticas (como chuva ou neblina), com o uso de filtro difusor ou fog na lente ou com a adição manual de cores (AWB). Também é possível iluminar o assunto de modo a deixar os detalhes indesejados na penumbra total ou, ao contrário, inundá-los com luz.

A utilização precisa deste fundamento deixa a imagem simples, limpa, equilibrada e bem composta, atraindo, sem conflito, o olhar do observador para o motivo principal da cena.

*Professora da Câmera Viajante

MÊS DA FOTOGRAFIA

PALESTRAS

04.08 FÁBIO GOMES
COPA 2014

05.08 BRUNO ALENCASTRO
FOTOJORNALISMO

11.08 LUIZ ABREU
FOTOGRAFIA DOCUMENTAL

25.08 FERNANDA CHEMALE
EXPOSIÇÃO ROCK GAÚCHO

18 E 26.08 EDUARDO SCARAVAGLIONE
DIREITO AUTORAL
LEI DO FOTÓGRAFO

ENTRADA:
1KG DE ALIMENTO
NÃO PERECÍVEL

INFORMAÇÕES:
3012 0421 / 8460 0352
VIAJANTE@CAMERAVIAJANTE.COM.BR
WWW.CAMERAVIAJANTE.COM.BR

FOTO AGOSTO

câmera viajante
15 anos



O mundo de Marian Starosta

Fotógrafa autoral relata sua trajetória profissional

Por Fernanda Nascimento

O encanto pela fotografia começou cedo. Aos 18 anos, ainda nas primeiras disciplinas da faculdade de Jornalismo da PUCRS, Marian Starosta descobriu que seu interesse maior não era pela apuração dos fatos e pela busca de notícias, mas pelo registro de imagens. Na época, nos 1980 da fotografia analógica, fez um estúdio em casa. Demorou para concluir a graduação porque não conseguia conciliar os horários da faculdade com as fotografias de espetáculos que lhe encantavam. Trinta anos depois, é uma reconhecida fotógrafa que a **Viajantes da Câmera – A imagem revista** apresenta nas próximas páginas.

“Nunca fiz jornalismo, o mais perto disto foram as fotografias de espetáculo, que foram publicadas em jornais de Porto Alegre e outros estados”, inicia contando. Apaixonada por arte, logo iniciou o mestrado e começou a lecionar em universidades do Sul do País. Dividiu o tempo entre o trabalho autoral, a coordenadoria das Artes Visuais da Casa de Cultura Mario Quintana e o trabalho como professora, até surgir uma oportunidade que mudou sua vida: a possibilidade de ir para o Nova Iorque cursar o Programa de Certificado em Tempo Integral em Fotografia do International Center of Photography.

“Mandeí meu portfólio, aceitaram, e o “trem” não passa duas vezes no mesmo lugar. Fui para ficar um ano e acabei ficando dois anos, fazendo um curso full time”, conta. A experiência enriqueceu seu olhar para as fotos autorais e ela começou a construir um trabalho que se tornaria uma de suas exposições mais rodadas: Bathrooms, na qual os banheiros são o

Fotos: Marian Starosta



Face a Face: trabalho que revela o rosto de fotógrafos. Acima, Adriana Franciosi e Ricardo Chaves

Mikva: ritual sagrado judaico de imersão sob as águas



Novo projeto "Sobreviventes" retrata pessoas que passaram pelo Holocausto, especialmente as marcas deixadas na pele pelo horror vivido

tema. "A ideia do meu trabalho tem muito de fotografar as pessoas, mas sem as pessoas estarem presentes. Fotografar as pessoas, mas por indícios. Na medida em que fui fazendo, o trabalho ficava mais consistente. Os primeiros trabalhos eram muito sobre os outros. Mas a edição final não tem praticamente nada dos outros, eles são muito mais sobre mim. E o trabalho autoral tem este caminho", revela.

A experiência norte-americana foi de fato uma trajetória de autocohecimento. Em Nova Iorque, Marian começou a se interessar pelo ritual

Mikva e a descobrir as próprias origens. O Mikva é um ritual judaico de imersão nas águas, geralmente realizado por mulheres, e de extrema importância para a religião. "O Mikva é um banho de purificação. É uma experiência incrível, algo muito antigo. O fato de você tirar a roupa e mergulhar recitando orações é muito intenso", relata. "Tem um rabino que disse que há três situações na vida em que a gente fica sem respirar: quando está no útero, quando morre e quando está embaixo d'água. O Mikva é uma situação de renascimento, de morrer e nascer novamente", descreve.

O renascimento do Mikva se tornou uma fonte de inspiração e há oito anos Marian fotografa-os. O trabalho se tornou exposição de fotos e uma instalação em vídeo com imagens da própria fotógrafa realizando um Mikva. Mas, para ela, ainda está incompleta. "Eu quero fazer um livro deste trabalho, mas ainda quero fotografar em outros lugares, como Israel", revela.

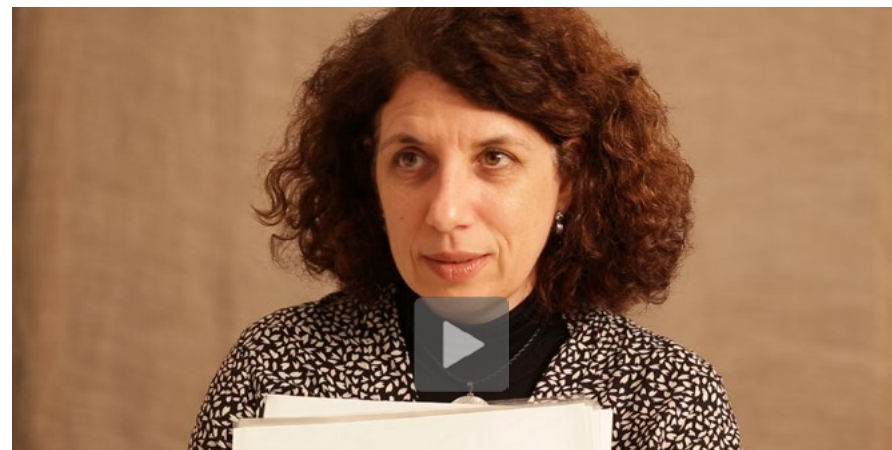
Além do projeto, Marian começou a investir no trabalho Face a Face - Fotógrafos Revelados. "Armo uma tenda, normalmente nos festivais de fotografia. Estive no FestFoto Poa,



"O Mikva é uma situação de renascimento, de morrer e nascer novamente", diz Marian



Bathrooms foi iniciado em Nova Iorque e revela indícios das pessoas sem mostrá-las



por exemplo, e, com fundo preto e material translúcido, fotografo os fotógrafos. Normalmente conhecemos o trabalho da pessoa, mas não a pessoa", conta.

Mas o encontro com as origens continuou e agora Marian investe em um novo projeto, envolvendo judeus que viveram o Holocausto, intitulado Sobreviventes. O trabalho poderá fazer parte de um projeto de doutorado e ainda está no início. "Meu filho tem nove anos e olhando para ele percebi que quando tiver a minha idade não vai ter nenhuma possibilidade de depoimento vivo de sobreviventes do Holocausto. Minha ideia era de registrar o máximo de sobreviventes e está muito na fase de criação para achar um caminho. Depoimentos é o que mais tem sobre o período e algo que me chamou a atenção é a coisa da pele. Muitos têm o número de Auschwitz e isso é muito impactante. Outras pessoas têm traumas na pele por fatos que aconteceram no campo de concentração. Então estou iniciando este trabalho pela coisa da pele", explica.

Além dos trabalhos em andamento, Marian atualmente também se dedica ao Ateliê da Imagem, escola de fotografia onde leciona no Rio de Janeiro sobre o trabalho autoral. "Fotografia autoral é essa foto que vem de dentro. Ela surge de uma necessidade sua, do que você quer expressar, do que vive. A arte alivia muito a sua dor. Fazer arte tem a ver com você se sentir melhor e é só a partir da fotografia autoral que se vai ter isso. É um estágio que em um trabalho comercial dificilmente se vai chegar", resume.

No fim deste ano, Marian deverá realizar uma oficina de fotografia autoral na Câmera Viajante.

Jonathan Heckler



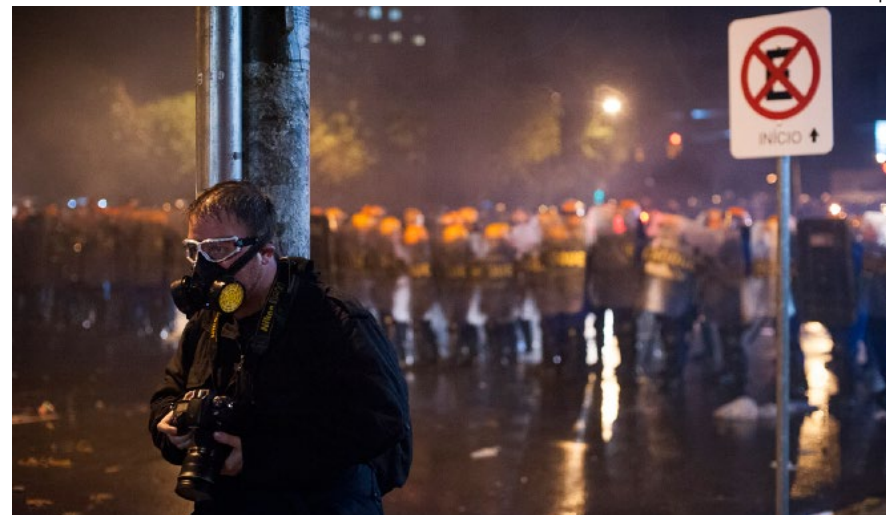
Ramiro Furquim



Ramiro Furquim



Ramiro Furquim



O registro de imagens dos protestos foi combustível para novas manifestações

Fotografia em protestos

A indignação que tomou conta das ruas em 2013 foi exaustivamente registrada. Imagens inundaram as redes sociais e serviram de combustível para manifestações que cresciam, semana após semana. Em 2014, com a Copa do Mundo no Brasil e as eleições, a expectativa era de que o povo nas ruas poderia ser ainda maior. Eles estiveram lá, mas em número reduzido. Os fotógrafos também e, assim como no passado, foram vítimas da repressão policial, junto com manifestantes. **A Viajantes da Câmera – A imagem revista** traz nesta edição as imagens e as impressões de dois profissionais que acompanharam manifestações neste período.

Ramiro Furquim é fotógrafo do portal de notícias Sul21. Iden-

tificado com ideias progressistas, o site se tornou o principal ponto de referência para os manifestantes em 2013. Para Furquim, sua função como fotojornalista é “fiscalizar quem está no poder e não é o povo que está no poder”. Jonathan Heckler é fotógrafo do Jomal do Comércio, publicação de economia e negócios gaúcha, e vê em seu trabalho uma forma de mostrar o que está “acontecendo nas ruas”.

Os dois vêem com empolgação o trabalho de fotografar protestos e manifestações. “É muito mais ação, adrenalina, e é o que gosto de fazer”, diz Heckler. Para Furquim, não há muita diferença entre outras pautas, em termos de fotografia. “Não vejo muita diferença, tem muito mais ação, é claro, é mais

interessante porque se movimenta mais e têm inúmeras formas de fotografar”, disse.

Os profissionais têm posicionamentos diferentes sobre a forma de fazer registros em meio à multidão. “Busco a mensagem principal. Tento buscar também as pessoas que estão na rua, para dar a dimensão da marcha e pegar alguma coisa também mais pontual, como um cara que está sozinho com um cartaz”, disse Furquim. “Fotografando do lado da polícia tem os manifestantes te atacando. Do lado dos manifestantes tu tens a polícia te atacando. Então, tento deixar o mais imparcial possível”, relata Heckler.

Sobre o registro dos rostos dos manifestantes, eles divergem. “Fotografo quem está na rua. Ninguém está fazendo nada de errado, estão na rua protestando. Claro que não busco identificar ninguém. Não vou para a rua fotografar para que a polícia veja e busque as pessoas. Não fotografo buscando a identidade daquela gente, mas se vou ter uma foto impactante, com discurso importante, não me preocupo se o rosto está identificado”, esclarece Heckler. “Tento não mostrar a cara deles. Porque acho que é uma luta legítima essa que foi levantada desde o Tatu Bola. Vou mostrar o que fazem, mas não mostrar o rosto. Tem P2 (inteligência da polícia militar) para isso. Tem até P2 com credencial de fotojornalista”, disse Furquim.

Cada um também tem uma opinião sobre as lutas das ruas. Ainda que avaliem como legítimas as manifestações, Heckler e Furquim pensam de forma distinta sobre as razões que levam as pessoas para as ruas. Heckler, que já esteve na Tunísia, fotografando manifestações, vê desorganização nas manifestações locais. “Enquanto estava na Tunísia o líder Chokri Belaid, da oposição, foi morto e houve uma comoção nacional. Em uma hora, a avenida principal de Tunes estava

Jonathan Heckler



Heckler fotografou a Tunísia dois anos depois da Primavera Árabe e registrou a revolta popular com a morte do líder Chokri Belaid

tomada por mais de 40 mil pessoas e um conflito começou. Não vi ninguém com rosto coberto e é um lugar onde a repressão e a retaliação após manifestações é maior. Não havia black bloc. As pessoas estavam revoltadas, mas sem violência nenhuma. A agressão partiu totalmente dos militares. A diferença principal é uma união absoluta das pessoas e aqui não vejo. É muito dividido o grupo da rua, o grupo do partido, do black bloc, pessoas que estão indignadas por alguma coisa. Vejo como um pouco frágil estas manifestações que ocorrem em Porto Alegre”, disse.

Já Ramiro Furquim entende que atos considerados de vandalismos e ações dos grupos na cidade são parte da história. “Dizem ‘vandalizaram a porta’, mas aquilo ali é histórico, porque parte do povo se levantou contra os mandos e desmandos da administração pública e vandalizaram. Aquilo ali é a história, não é vandalismo por vandalismo. Daqui 100 anos as pessoas vão olhar e vão dizer que aconteceram manifestações em Porto Alegre em 2013 e ficaram marcas na porta”, explica.

Sobre a ação policial, os dois identificam excessos e dizem

que nunca foram vítimas de alguma intimidação. Entre os manifestantes também consideram que existam excessos. “Nunca fui (hostilizado). Mas eles (polícia) andam registrando quem trabalha. É uma forma de intimidação. A intenção deles é intimidar. Algumas pessoas talvez eles consigam. Mas a gente nota essa tentativa de intimidar de outro jeito”, diz Furquim. Já o fotógrafo Heckler disse: “nunca fui hostilizado pela polícia, nem impedido de trabalhar, mas identifico em algumas situações uma imprudência, com bombas desnecessárias contra manifestantes e profissionais”.

Ambos concordam que, entre os manifestantes, o impedimento de alguns profissionais em trabalhar é ruim para a divulgação dos fatos. “Na marcha, normalmente não tenho muitos problemas, mas sempre tem um e outro que não quer saber de mídia, que quer saber se é mídia corporativa ou alternativa”, relata Furquim. “Tem ameaças mais do pessoal que quer tumulto, dos black bloc, que tentam hostilizar e ameaçar”, disse Heckler.

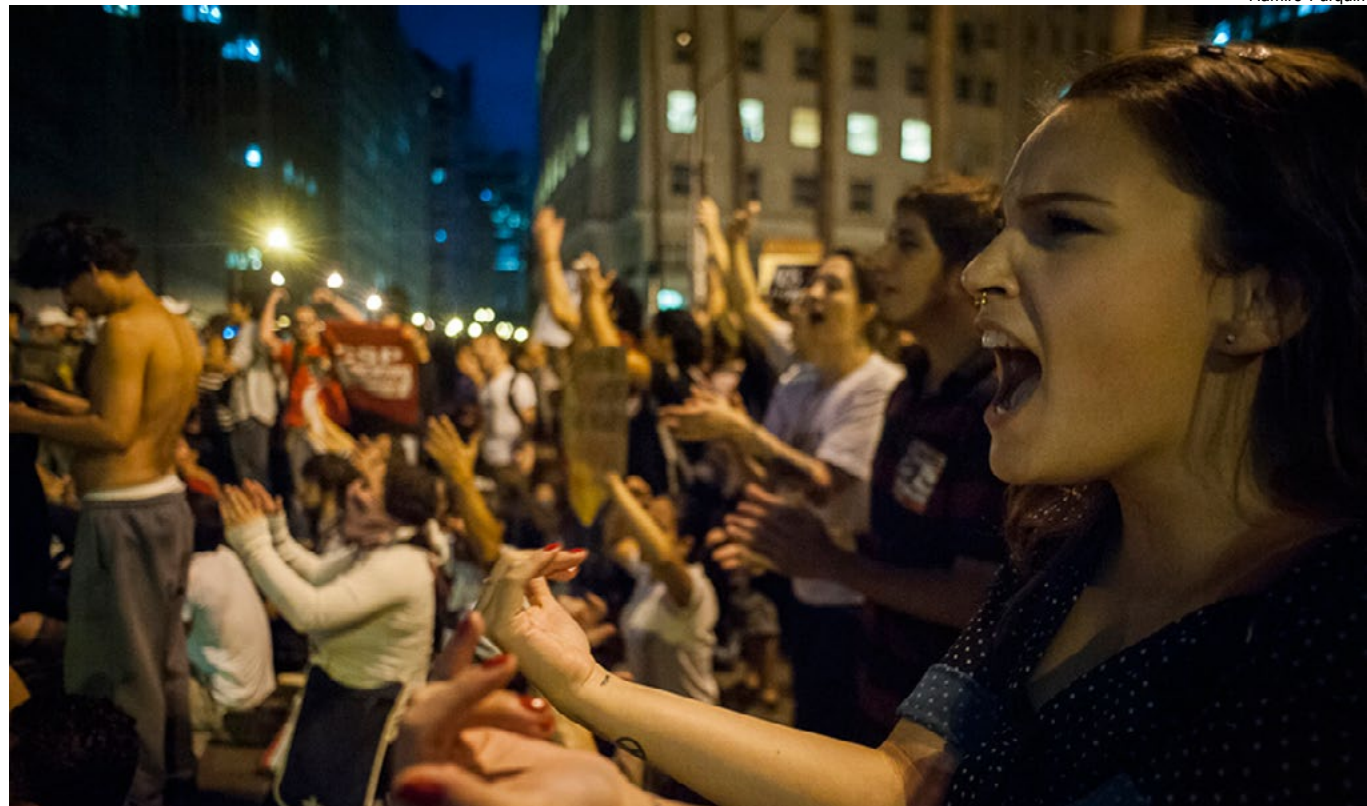
Para ambos, o importante é contar a história que vem das ruas. Nestas páginas estão um pouco deste trabalho.

Ramiro Furquim



Ramiro Furquim





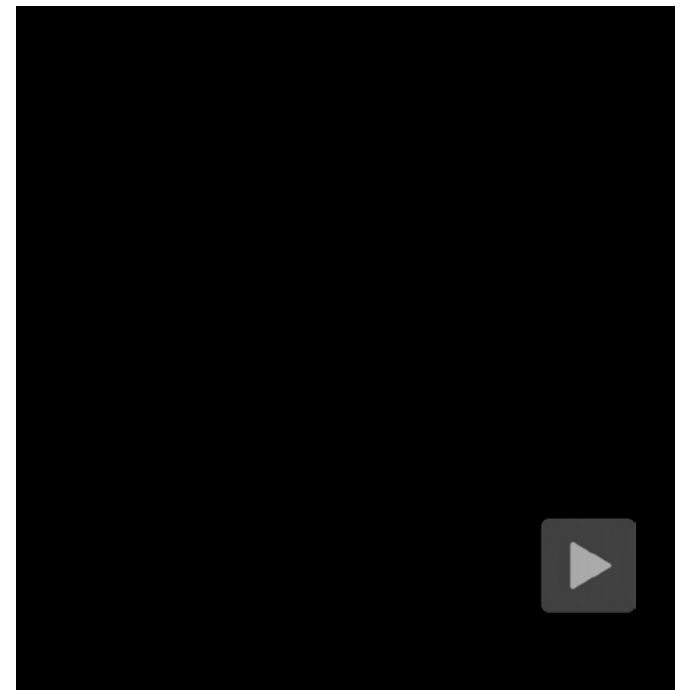
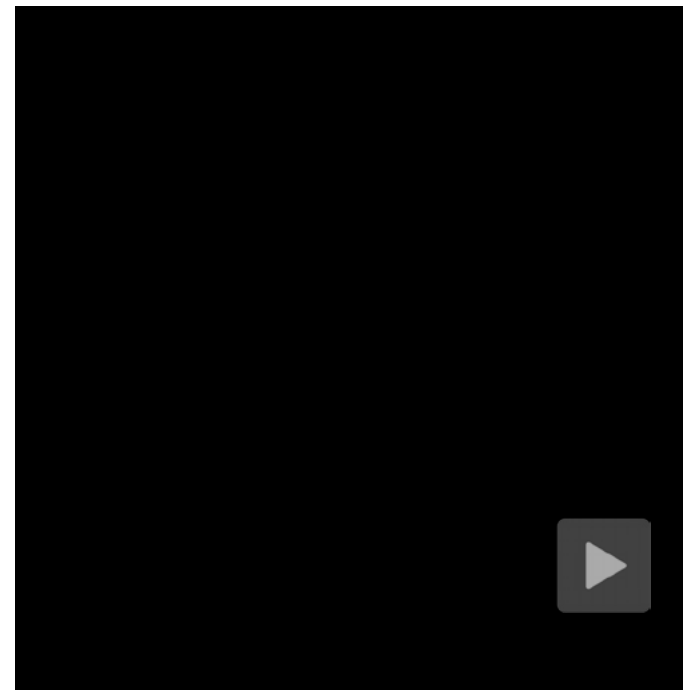
Ramiro Furquim



Jonathan Heckler



Jonathan Heckler



Muito além de uma simples regulamentação

O que representa o projeto de lei do fotógrafo

Por Eduardo Scaravaglione*

Tenho lido as notícias e comentários sobre a tramitação no Congresso Nacional do Projeto de Lei (PL) 2176, de autoria do deputado Fernando Torres (PSD/BA), que pretende regulamentar a profissão de fotógrafo.

O projeto, aprovado na Câmara dos Deputados, segue agora no Senado Federal, e pode ser transformado em lei.

Ao acompanhar as informações sobre o projeto, não tenho visto debates com profundidade sobre o que significa (ou significará) uma lei que pretende regulamentar uma profissão.

Para que possamos saber, o presente PL possui cinco artigos: o primeiro regulamenta a profissão de fotógrafo e exclui de sua aplicação o exercício da função de repórter-fotográfico a serviço de empresa jornalística; o segundo define aquele que se entende como o fotógrafo profissional; o terceiro artigo apresenta quem estaria apto a exercer a profissão de fotógrafo; o quarto define o que compreende a atividade profissional do fotógrafo; por fim, o quinto artigo define a data de vigência da lei.

Acredito que a ideologia do presente projeto está atrelada à posterior tentativa de criação de um órgão fiscalizador do exercício da profissão,



Rogério do Amaral Ribeiro

Apesar de não ser regulamentada, a profissão de fotógrafo já possui regulamentações

com mera função arrecadatória. Não se justifica a regulamentação de uma profissão sem que, na sua esteira, não se crie uma entidade capaz de fiscalizar o legal exercício da mesma. Assim o é com as profissões que conhecemos, como médicos, advogados, psicólogos e engenheiros. E assim é também a natureza jurídica dos Conselhos de Regulamentação e Fiscalização Profissionais, que possuem o objetivo de fiscalizar o exercício legal da profissão.

No entanto, as profissões acima

citadas têm algo em comum: um potencial lesivo à sociedade em caso de exercício sem a formação e prática adequadas. Isso não ocorre com a profissão de fotógrafo.

Rememorando, podemos observar que desde as antigas corporações de ofício, na Idade Média, o Estado começou a avocar a responsabilidade de regulamentação de algumas profissões, por dois motivos: caráter técnico e potencial lesivo.

Ou seja, se queremos ser médicos, advogados, psicólogos, enge-

nheiros, farmacêuticos, devemos nos submeter a alguns anos de estudo em uma faculdade para, depois de formados, começarmos a nossa jornada profissional.

Não que a profissão de fotógrafo não tenha um caráter técnico, pelo contrário, mas ela não possui o potencial lesivo a justificar uma lei específica e, na sua esteira, um órgão fiscalizador.

Por quê? Cartier-Bresson já dizia que se pode aprender a usar uma câmera fotográfica em um dia ao ler o manual. Mas, a construção da linguagem, da estética da fotografia demora, por vezes, uma vida inteira.

Dessa forma, tenho que um dos elementos que constituem a formação de um fotógrafo, além do técnico, é o elemento subjetivo que diz respeito à sensibilidade e a arte! E isso se faz com a construção do olhar, ou melhor, com a desconstrução do nosso olhar cartesiano.

Ou seja, a profissão de fotógrafo, além de não possuir nenhum potencial lesivo à sociedade, se exercida por quem não tenha capacidade técnica, está ligada mais aos elementos da subjetividade do que o racionalismo científico. O maior prejuízo que um fotógrafo pode trazer, caso não desempenhe bem sua profissão, é para si. A regulamentação não assegura melhores condições de trabalho.

Além disso, a profissão estaria dentro daquelas protegidas pelas normas do artigo 5º, incisos IX e XIII, da Constituição Federal, que prevê a liberdade de expressão.

Penso que nem todos os ofícios ou profissões podem ser condicionados ao cumprimento de condições legais para o seu exercício. A regra é a liberdade! Somente quando houver potencial lesivo na atividade é que pode ser exigida uma regulamentação ou inscrição em conselho de fiscalização profissional - e essa também é a posição do Supremo Tribunal Federal (STF).

Acredito que a atividade de fotógrafo prescinde de controle já que, mesmo tendo um caráter técnico, constitui, na maior parte das vezes, em uma manifestação artística protegida pela garantia da liberdade de expressão. Não vejo, portanto, fundamento e nem legitimidade na criação de uma lei como essa, ainda mais se não estiver acompanhada de amplo debate da categoria.

Outra questão importante para análise do trabalho dos fotógrafos é observar que, embora a profissão não seja oficialmente regulamentada, os profissionais estão sujeitos a questões ligadas ao Direito Autoral, Direito de Imagem e a relações que envolvem as normas do Direito Civil e do Código de Defesa do Consumidor. Assim, não se faz necessária a criação da presente lei, pois já existem normas

capazes de reger situações que envolvam os fotógrafos.

Um exemplo disso é o direito de autor, protegido pela Constituição Federal e pela Lei dos Direitos Autorais (LDA). É considerado um direito fundamental e está elencado na Constituição nas chamadas cláusulas pétreas, além de previsto na Declaração Universal dos Direitos Humanos. Quer melhor proteção do que isso?

Especificamente sobre a fotografia, temos na LDA proteção que nos diz "são obras intelectuais protegidas as criações do espírito, expressas por qualquer meio ou fixadas em qualquer suporte, tangível ou intangível, conhecido ou que se invente no futuro, tais como: as obras fotográficas e as produzidas por qualquer processo análogo ao da fotografia".

O próprio texto da LDA fala em "criações do espírito", o elemento subjetivo a que me referi. Por aí, se verifica a importância do tema e de como o ordenamento jurídico brasileiro trata do assunto. Dessa forma, existe normatização suficiente para a proteção dos direitos dos fotógrafos, não se podendo falar em "profissão marginalizada" como exposto na justificativa do PL.

O que realmente pode ser construído é um amplo debate com o objetivo de formar consciência dos direitos para que estes sejam efetivamente respeitados! Isso seria um benefício para a categoria sem que se envolva, nesse debate, o interesse eleitoral ou mesmo econômico que é o que parece estar previsto nesse PL.

Por fim, não podemos confundir regulamentação profissional com o reconhecimento da profissão e com a garantia de direitos. O ato de regulamentar significa impor limites, restringir o livre exercício daquela atividade profissional que é valorizada, reconhecida e assegurada constitucionalmente.

Agora é a hora da classe se movimentar e debater essa questão, pois caso o PL 2176 seja aprovado e siga o rito normal, teremos uma lei indesejável e talvez, ainda, um Conselho dos Fotógrafos do Brasil com mero cunho arrecadatório, sem qualquer preocupação de proteção aos profissionais.

*Advogado da Sensu Consultoria Jurídica e palestrante da Escola de Fotografia e Imagem Câmera Viajante

 **sensu**
CONSULTORIA JURÍDICA

Reportagens cinematográficas em qualquer tipo de evento social, institucional, esportivo ou cultural.

FILMAGEM DE EVENTOS

Com câmeras DSLR

Inicia dia 18 de Agosto

*Com **Roberto Grillo,**
film maker e diretor de fotografia.*

Mais informações:
51 3012 0421 | 8460 0352
viajante@cameraviajante.com.br
www.cameraviajante.com.br

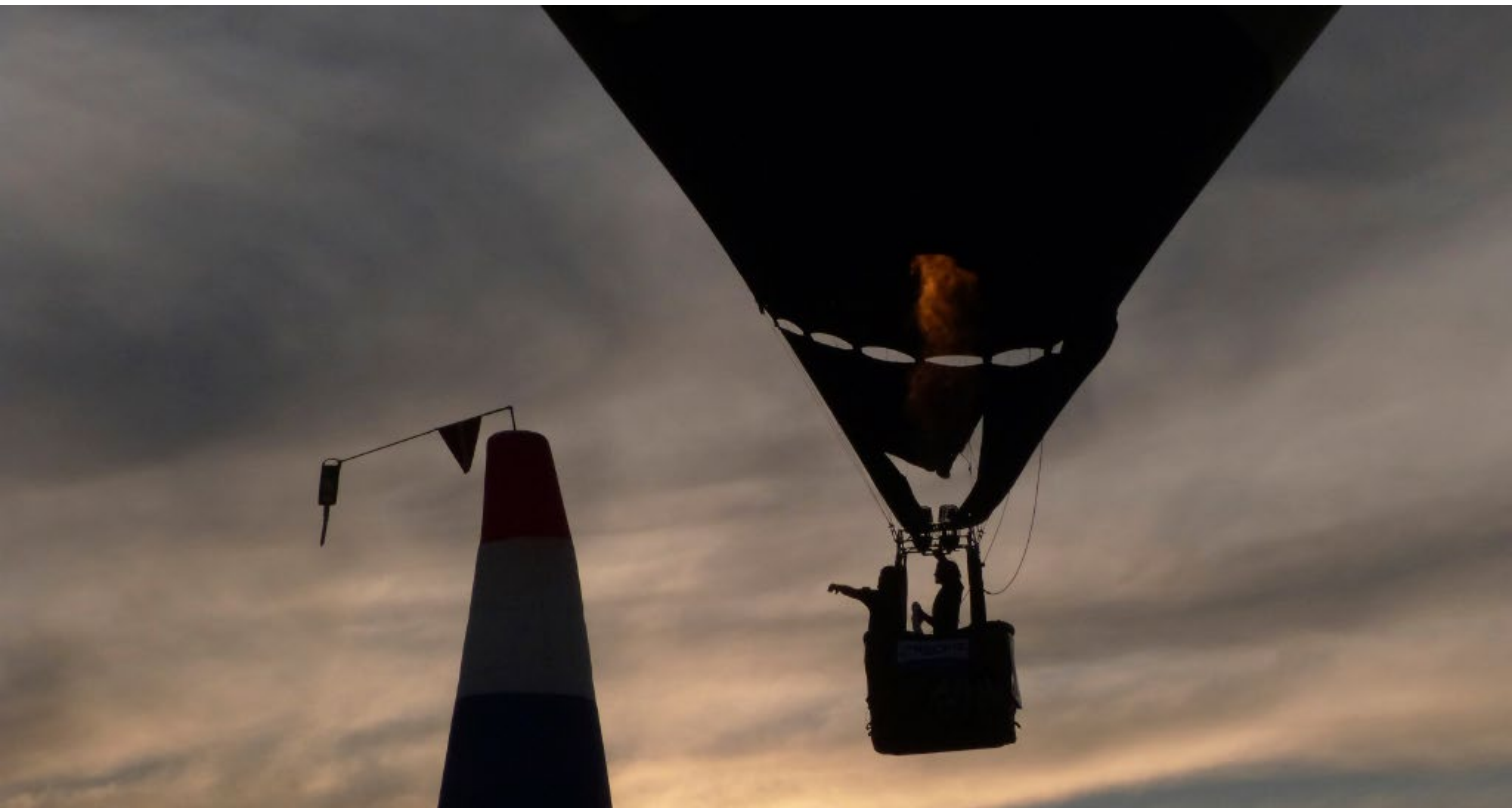


Balões nos céus de Torres

Viajantes da Câmera acompanham espetáculo fascinante

O festival de balonismo encanta a todos. A magia dos balões coloridos nos céus é um espetáculo que atrai turistas, curiosos e fotógrafos em busca de belas imagens. Em maio, os viajantes da Câmera acompanharam este evento e registraram todo o colorido dos céus de Torres. O resultado deste belo trabalho, quando fogo e ar se cruzam e lentes atentas registram tudo, está nas próximas páginas.

Alessandro Soares

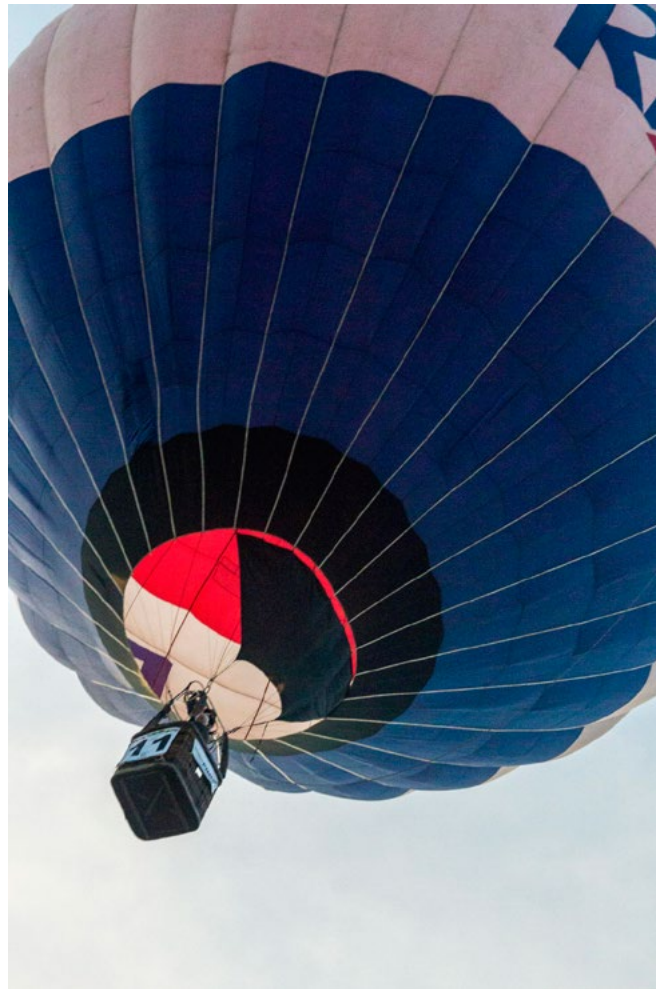


Anna Schere



Carla Zanatta

Carla Zanatta



Cintia Lima





JMLanita

Glória Bauer



Lorena Schäfer

Lorena Schäfer



Viajantes da Câmera - A imagem revista



Lúcia Cabral



Luiza Viégas



Nicole Martins



Rogério Jacques



Roquelle Bayer

Marindia Duarte



Roberto Martinez



Remetendo ao passado

Por Gerson Turelly*

A fotografia ao lado é de Vanessa Silva da Rocha Lisboa, aluna do curso FotoDigital 2, realizada em 29 de maio de 2014, durante uma das aulas práticas, na rua Duque de Caxias, Centro Histórico de Porto Alegre. Há três elementos fortes nesta foto: a senhora que caminha pela calçada, o prédio e a placa que indica o que há neste local, todos participando de uma “conversa” dentro da imagem. Poderia se dizer que esta foto foi tirada há décadas atrás, não fosse o tipo do hidrômetro que aparece junto ao chão e que, mesmo assim, passa despercebido em função da fotografia ser em preto e branco.

Houve uma percepção da fotógrafa ao optar pelo tom monocromático e pelo momento do clique, aproveitando o aparecimento da mulher. Também a escolha da velocidade do obturador (1s/80), registrando sutilmente o movimento de seus passos e mostrando seu estilo de roupa, harmonizando com o estilo arquitetônico do prédio. Este contexto, juntamente com a placa “Pensão Familiar”, remete a um outro clima, uma outra “velocidade”, totalmente diferentes do que temos nos dias atuais, embora tenha sido tomada na capital gaúcha e em pleno século XXI. Esta aí a grande sacada da foto: transportar o observador para uma outra época, fazendo-o participar da “conversa” existente entre os elementos que ali estão.

*Professor da Câmera Viajante

Vanessa Silva da Rocha Lisboa



A grande sacada da foto é a de transportar o observador para outra época

Ficha técnica da foto

Câmera: Canon T5i
Tempo de exposição: 1s/80

Abertura do diafragma: F/10
Distância focal: 50mm

Escola atrai alunos de todo o País

Aluna de São Paulo busca formação na Câmera Viajante e revela planos para o futuro na fotografia

Arquivo pessoal

Os cursos da Câmera Viajante atraem milhares de alunos, tanto de Porto Alegre quanto de outras regiões do País. Em julho, mais uma viajante de outro estado veio conhecer a escola e aprender com os professores as técnicas de fotografia. **A Viajantes da Câmera - A imagem revista** conversou com Maria Aparecida Cruz Ribeiro, paulista que contou um pouco das motivações para viajar e conhecer a escola.

Viajantes da Câmera - Há quanto tempo fotografa e o que mais te interessa na fotografia?

Maria Ribeiro - Meu marido era quem sempre fazia as fotografias e registrava tudo. Quando ele faleceu, fiquei muito triste, abatida e sem ânimo. Alguns meses depois, conversando com um amigo de Porto Alegre e fotógrafo, comecei a me interessar por esta arte. Em setembro de 2013, comprei minha primeira câmera, uma Sony SLT-A57K e fui para Porto Alegre, Florianópolis e Curitiba. Comecei minhas fotos, me apaixonei, e quis me aprimorar. Troquei minha Sony por uma Nikon 5200, já que minha ideia é montar um estúdio. Mas antes, quero estar apta e digna de ser chamada de fotógrafa. Afinal fotografia para mim, é o tempo congelado, momentos inesquecíveis que outros possam visualizar, é o meu modo de olhar e de sentir, tudo está ali.



“Uma certeza eu tenho: vou ter meu estúdio o ano que vem”, diz Maria Ribeiro

Viajantes da Câmera - Porque a decisão de vir ao RS e fazer um curso na Câmera Viajante?

Maria Ribeiro - Conversando com meu amigo, ele me falou do curso que eu gostaria de fazer, com o preço muito mais acessível em Porto Alegre e me indicou a Câmera Viajante. Tive uma paixão instantânea pelo céu, pôr-do-sol e os amigos que fiz na Capital gaúcha.

Viajantes da Câmera - No que o curso realizado te auxiliou no campo da fotografia?

Maria Ribeiro - Me auxiliou muito nos pontos-chaves, entre eles regra do terço, linha do ho-

rizonte, foco e desfoque. Tinha uma ideia, mas estava difícil de entender e melhorar a qualidade das minhas fotos, já que eram um pouco poluídas de conteúdo. Entendi a linguagem de uma imagem, mas sei que tenho muito mais a aprender.

Viajantes da Câmera - Quais os planos futuros no ramo?

Maria Ribeiro - Me aprimorar até junho de 2015, descobrir qual será meu nicho e montar um estúdio ou agência, já que posso trabalhar com marketing digital. Ainda estou planejando, mas uma certeza eu tenho: vou ter meu estúdio o ano que vem.

O rock gaúcho em foto

“Retratos Clássicos do Rock Gaúcho”, exposição da fotógrafa Fernanda Chemale, brinda os músicos da cena rock porto-alegrense e vem na esteira de uma convivência que perdura desde o final dos anos 80. O interesse surgiu do cotidiano que acompanha no ofício da fotografia de espetáculo. A série é uma ode aos músicos gaúchos, patrimônios imateriais da cidade, que fazem de Porto Alegre a cena mais rock do Brasil. A exposição tem curadoria de Eduardo Aigner e conta com o auxílio de Liége Biasotto.

O trabalho está em processo e vem sendo realizado desde 2012 em encontros casuais com os protagonistas da cena musical de Porto Alegre. Partindo do contraponto do palco e dos trabalhos anteriores da autora, os músicos são fotografados individualmente, desprovidos de sua capa de cena, propondo um diálogo particular na busca da identidade desse tal rock gaúcho.

Conectada ao estilo musical desde o final dos anos 80, Fernanda Chemale reverencia os músicos de sua cidade, Porto Alegre, apresentando retratos que exibem a maturidade e a resistência de artistas que escolhem a expressão da sonoridade como um modo de vida, criando um estilo que representa a música do sul do Brasil.

A exposição está aberta para visitação no Café Sesc Centro (Av. Alberto Bins, 665), até o dia 15 de agosto, das 8h às 20h, de segunda a sexta-feira (sábados e domingos, em dia de espetáculos, uma hora antes da programação).

Fotos Fernanda Chemale



Estrelas do rock gaúcho: Júpiter Maçã (acima), Wander Wildner (ao lado, à esquerda) e Edu K



Reino da Camisa Canarinho

Gilberto Perin

A paixão pelo futebol esteve presente nos estádios e nas ruas do País durante a Copa do Mundo. O amor pelo esporte também se mostrou presente em exposições. Uma das mais comentadas foi a “Reino da Camisa Canarinho”, que exibiu esboços originais que Aldyr Schlee realizou como estudo para o desenho do uniforme da Seleção Brasileira, criado em 1953, quando ele ganhou um concurso para a escolha da nova vestimenta canarinho. A exposição aconteceu no Museu de Direitos Humanos - Memorial do Rio Grande do Sul, entre junho e julho. Além dos esboços, foram apresentados jornais e revistas da época e trabalhos fotográficos como o de Gilberto Perin.



O trabalho de Gilberto Perin integrou a exposição no Museu de Direitos Humanos

A revolução da GoPro

Felipe Nyland



A GoPro criou uma nova forma de ver o mundo. Como pode ser acoplada no corpo, hoje é possível se colocar na pele de um esportista

Por Felipe Nyland*

A GoPro é uma câmera pequena, que se popularizou mundialmente, sendo um fenômeno de vendas atualmente.

Os vídeos de qualidade excepcional, tamanho reduzido e o baixo investimento fez com que essa “pequena” se tornasse desejada por todos os amantes de esportes radicais.

Criada por Nicholas Woodman, a GoPro foi projetada para ser a câmera mais versátil do mundo.

Pesando poucas gramas e facilmente acoplada a praticamente qualquer superfície, a GoPro rapidamente dominou o mercado de vídeo, pois pessoas comuns podem operar fazendo gravações de vídeo e fotos com qualidade.

A pequena e poderosa câmera, que trabalha também submersa, possui alta definição até embaixo d'água, e a cada temporada está mais moderna e atualizada, sendo valorizada e muito utilizada por renomados profissionais

do universo esportivo como o surfista Kelly Slater e o piloto Ken Block.

A GoPro criou uma nova forma de ver o mundo. Como pode ser acoplada no corpo, hoje é possível se colocar na pele de um esportista radical ou até mesmo voar nas costas de uma águia apenas assistindo um vídeo.

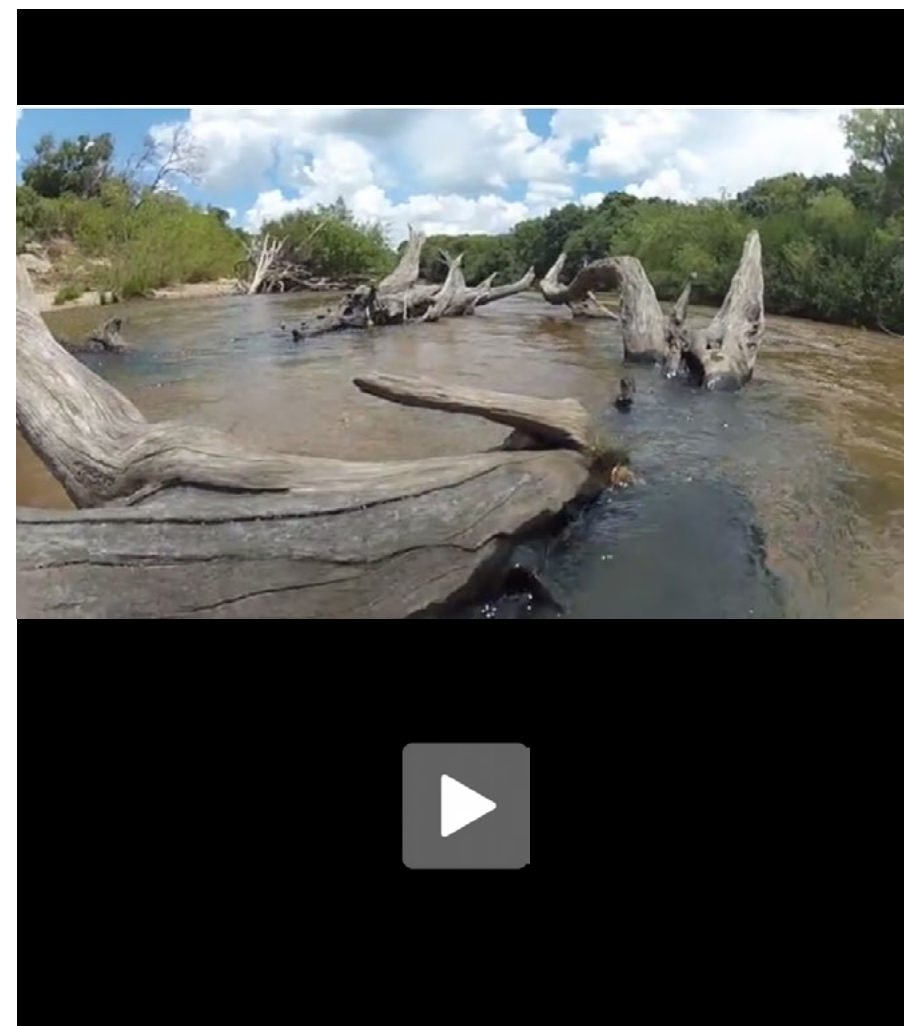
Gravar vídeos em 4K não é a única especialidade da GoPro. Ela pode fazer sequências de fotografias com qualidade de até 12 megaPixels e realizar técnicas como lapso de tempo (TimeLapse).

Do fundo do mar até as nuvens, ela é de longe a câmera mais versátil do mercado, trazendo muitos benefícios a quem ama o esporte, e deseja registrar cada segundo das suas aventuras.

De olho nessa tendência, e compreendendo a necessidade dos apaixonados pela GoPro, a Câmera Viajante passou a oferecer um curso específico para este equipamento.

Dia 19 de agosto inicia uma nova turma. Se você é um aficionado por filmagens dinâmicas, radicais e de boa qualidade, aproveite.

* Professor do curso de GoPro na Câmera Viajante



GoPro/Divulgação



AGOSTO

A partir de

- 05 Retrato com flash de estúdio**
Com Rogério do Amaral Ribeiro e Vera Carlotto
- 08 Retrato com luz ambiente**
Com Rogério do Amaral Ribeiro e Vera Carlotto
- 11 Impressões & Fineart**
Com Luis Taboada
- 18 Filmagem de eventos com Câmeras DSLR**
Com Roberto Grillo
- 19 GoPro**
Com Felipe Nyland
- 19 Photoshop**
Com Edgar Neumann
- 19 Composição Fotográfica**
Com Vera Carlotto
- 23 Direção de Modelos Fotográficos**
Com Nina Sampaio

SETEMBRO

- Lightroom**
Com Fabiano Scholl
- Diagramação de álbuns com indesign**
Com Lolita Magni

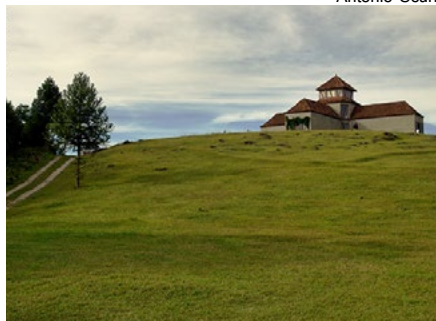
Mensalmente

- Fotografia**
Fotografia Digital 1, 2 e 3 - Turmas manhã, tarde, noite, sábados e intensivo
- Cinema**
Cine Digital 1

Turismo Fotográfico

31/8 Caminhos da Arte

Antonio Scuri

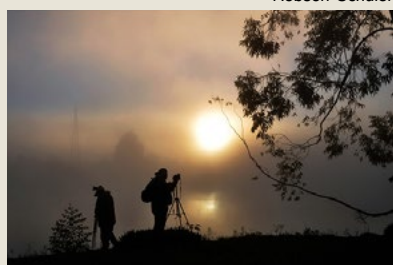


Dois Irmãos e Morro Reuter

set/Rincão Gaia

Paisagem, micropaisagem e macrofotografia

Robson Schuler



25/8 Palestra com Fernanda Chemale

Marian Starosta



Fotógrafa apresenta seu trabalho sobre rock gaúcho

Informações e inscrições www.cameraviajante.com.br

Valorize suas fotos de um jeito simples

46° é a primeira plataforma de criação de websites para fotógrafos do Brasil.



46graus.com



De forma gratuita, crie e atualize seu próprio site em pouco tempo, sem a necessidade de conhecimentos técnicos.

Seu site se adapta automaticamente ao dispositivo que está sendo acessado, seja em seu computador, tablet ou celular, lançando o conteúdo com qualidade e leveza.

REVELE O FILME DA SUA VIDA COM A GENTE!

Laboratório profissional certificado pela Kodak
www.kasaphoto.com.br



- Fotolivro
- Revistão
- Revelação Filme 35mm (color.)
- Fotoprodutos Personalizados



Fone: (51) 3388-7575

Rua 24 de Outubro, 1391 | Auxiliadora | Porto Alegre/RS



TURMAS INICIANDO:
SÁBADO: 09.08
NOITE: 12.08

FOTOGRAFIA PROFISSIONAL

INFORMAÇÕES:
3012 0421 8460 0352
WWW.CAMERAVIAJANTE.COM.BR
RUA PINHEIRO MACHADO, 259
INDEPENDÊNCIA - POA



EQUIPAMENTOS FOTOGRÁFICOS

051 3030-9696

WWW.TELIMEX.COM.BR



TELIMEX
EQUIPAMENTOS FOTOGRÁFICOS